

Memos antifeministas: restrição e retrocesso *on-line*

Quésia Domingues

Introdução

Pavimentar um caminho em direção à consolidação dos saberes libertadores, latentes para impactar a formação do aluno como um sujeito social consciente e emancipado na vida adulta, implica promover a conexão com o saber experiencial, eficiente para subsidiar a compreensão sobre as formas de ser e estar no mundo. Nesse sentido, ao regular o acesso às práticas do conhecer situadas para além dos domínios teóricos e conceituais, o espaço escolar fomenta o fortalecimento do potencial crítico e problematizador do indivíduo, contribuindo para a constituição de uma sociedade mais democrática e menos excludente.

Na atualidade, o contexto das aceleradas transformações sociais e culturais proporcionadas pelos dispositivos tecnológicos, institui constantemente novas práticas sociais de linguagem/leitura, principalmente por meio das redes sociais. Nesse enquadramento, o gênero textual meme ganha destaque como uma prática comunicativa em efervescência no cotidiano do alunado, que, no atual momento histórico, marcado pela polarização política no Brasil, materializa narrativas reacionárias, inclusas as antifeministas, cujas intenções comunicativas precisam ser questionadas pela ação educativa, em busca de explorar as práticas do ler para gerar consciência, atitudes, valores e consequentemente transformação social, por meio da desconstrução

de estereótipos que visam a reproduzir um padrão de opressão para manter os mecanismos de dominação.

Na primeira parte do capítulo, é apresentado o conceito e função textual do gênero meme. Em seguida, um breve repertório teórico sobre o (anti)feminismo. Posteriormente, são apresentadas quatro análises ilustrativas de memes antifeministas e são feitas as considerações finais.

Para início de conversa: o que são memes?

O conceito de meme é preliminar ao surgimento da internet e tem origem em um debate controverso travado na sociobiologia na década de 1970. O termo foi cunhado pelo etólogo sul-africano Richard Dawkins, em seu livro *O Gene Egoísta* (1976), para fundamentar sua investigação que associava a teoria evolucionária à evolução cultural/transformação social. Essa proposta sustenta-se na relação análoga entre o gene e o meme, já que o primeiro se manifesta pela replicação da herança biológica, portadora de informações ao longo das gerações, e o segundo, pela multiplicação da unidade de transmissão cultural, que reflete as percepções da sociedade, a partir de uma cópia ou imitação (Chagas, 2021; Shifman, 2013).

Para designar tal concepção, baseada em um arquétipo de evolucionismo cultural que se desenvolveria paralelamente e em complemento à evolução natural, Dawkins concebeu o neologismo “meme”, que derivou da raiz da palavra mimeme, (do grego μίμημα [mí:me:ma] -imitação), somado à referência do vocábulo gene, traçando assim um paralelo entre a biologia e as ciências sociais.

Depois de mais de uma década trilhando um caminho evolutivo esparso e titubeante, as investigações que têm como objeto de estudo a propagação dos memes nossos de cada dia, a memética, começou a chamar a atenção de pesquisadores de

diferentes áreas (Shifman, 2013). Foi então que se destacaram os trabalhos do filósofo estadunidense Daniel Dennett (1995) e da psicóloga britânica Susan Blackmore (1999), ao atualizarem o conceito apresentado por Dawkins, estabelecendo os rudimentos epistemológicos para o posterior reconhecimento de um campo de pesquisa científica controverso e disputado. Os cientistas expandiram a concepção original do fenômeno, compreendendo que este não se encerra no modelo restrito à esfera biológica, considerando-o reduutivo e materialista, por não contemplar comportamentos humanos complexos, assimilados e desenvolvidos por meio de atividades contínuas e prolongadas de imitação social, aos quais invariavelmente todos estamos suscetíveis (Leal-Toledo, 2013).

Em uma era cada vez mais definida pela comunicação na internet, esses enquadramentos conceituais sofreram uma transformação acentuada, marcada pela popularização das mídias digitais, quando subgrupos de entusiastas da cultura “nerd” e “geek” envolveram-se com práticas comunicativas em interações produzidas em fóruns e em canais de comunidades on-line, denominando-as como memes. Esse conceito foi amplamente adotado pelos usuários da internet, de modo que o meme passou a ser entendido como “um termo popular para descrever a rápida aceitação e disseminação de uma ideia específica apresentada como um texto escrito, imagem, linguagem “em movimento” ou alguma outra unidade de “coisas” culturais (Knobel & Lankshear, 2007, p. 202).

A revisão dos seus atributos, empreendida pela esfera científica, ampliou a tenda conceitual dos memes, que passaram a significar para além de ideias ou comportamentos, assumindo um lugar de notoriedade como um discurso na retórica on-line, por meio de um modo característico de comunicar, conforme acompanharemos adiante.

Funções e estratégias dos memes na cultura digital

Depois de um conciso panorama que reconheceu os percalços apresentados no caminho dos estudos da memética, é pertinente elucidar que na presente investigação, esse conceito errante é entendido como um conjunto de práticas e fenômenos sociais definitivamente relevantes (Chagas, 2021), que no contexto da cultura digital contemporânea podem ser melhor entendidos como informações culturais transmitidas de pessoa para pessoa, tornando-se progressivamente um fenômeno social compartilhado (Shifman, 2013), que propaga e molda ações e mentalidades de um grupo social (Lankshear e Knobel, 2006).

Cada dia mais, esses eventos discursivos tornam-se práticas comunicativas invariavelmente cativantes, incorporadas ao cotidiano social, que navegam entre aplicativos de diferentes redes digitais, enunciando pensamentos/emoções condensados e compartilhados em uma velocidade frenética. Essa grande potência criativa na comunicação digital oferece espaço para a discussão de temas, eventos e fatos considerados pertinentes pela sociedade nos mais diferentes espectros de interesse, apresentando-se como uma coleção de textos, imagens, comportamentos difundidos, desafios ou memórias compartilhadas.

Essa prática linguística é um gênero comunicativo próprio do ambiente digital, que no plano formal materializa-se por uma imagem e/ou legenda, um vídeo viral, um clichê cômico, ou uma animação excêntrica que dialoga com referências da cultura pop, com produtos midiáticos, ou ainda com acontecimentos recentes, veiculados pelo noticiário (Consumoteca, 2019). Devido ao conteúdo efêmero e à mobilização do tom humorístico ou/e satírico que assume no campo discursivo, essa estrutura retórica reducionista, típica do universo das coletividades on-line, apesar de recorrentemente

avaliada como produto cultural fútil, corporifica narrativas, cujo enredo acompanha as representações que seus personagens fazem da realidade política, cultural e social.

Segundo Popolin (2019, p. 13), neste momento, “o Brasil é conhecido por ser uma potência global na produção de memes”. A investigação mais ampla sobre como se dá a produção de sentidos/efeitos desse novo gênero midiático, característico das práticas de letramento emergentes no cenário tecnológico em constante progressão e deflagrado pelo usuário/cidadão comum e conectado, é fundamental, pois

[...] estudar e pesquisar quais memes são criados e como circulam, em um futuro próximo nos ajudará a entender melhor sobre que bases está erguida a sociedade contemporânea, que produtos culturais consome, que opiniões são repercutidas ou silenciadas (Chagas, 2018a, p.182).

Tomados como prisma para compreender certos aspectos da cultura contemporânea, que visam ao funcionamento de inteligências, novas formas de poder e de desenvolvimento dos processos sociais, bem como das formas contemporâneas de participação/ativismo social e novas redes comunicação/relacionamento (Knobel e Lankshear, 2007), os memes, devido à representatividade social que evocam, têm sido indicados como dinâmicas comunicativas pujantes para compor o rol dos novos letramentos contemporâneos discentes. (Alves *et al.*, 2020; Chagas, 2018a; Lankshear e Knobel, 2006; Oliveira *et al.*, 2020).

Engajar o meme como proposta de novo letramento é um movimento promissor a ser considerado pelos educadores, não só para provocar o questionamento sobre as significações dos memes com os quais os discentes interagem, em uma tentativa de compreender a realidade social, mas também para tra-

zer luz à consciência e à responsabilidade dos aprendizes/cidadãos sobre os efeitos materiais provocados por aqueles que os disseminam, pensando em interrogar se tais interações contribuem para formas positivas de estar no mundo. Sob esse viés, salienta-se a necessidade de vislumbrar os repertórios comunicativos dos (anti)feminismo(s) em rede, como forma de compreender as conexões entre leitura(s), experiência(s) e educação, na contemporaneidade.

Antifeminismo e backlash: o pânico moral on-line

Frente à oportunidade de diálogo que o ciberespaço oferece para que o ativismo da causa feminina projete sua voz, apresentam-se obstruções e estorvos, pois tal qual no espaço físico, a luta pela legitimação das representações próprias das coisas e do mundo empreendidas pela mulher desperta reações arreadas, consubstanciadas pelas performances discursivas dos interlocutores fundamentalistas que primam pela preservação, do que chamam de “moral e bons costumes”. Para capitanear uma agenda regulatória e padronizada dos significados “ser mulher”, os defensores da “verdade” sentem-se autorizados a manejar uma artilharia pesada, a fim de alvejar os sujeitos subversivos que ousam resistir ao *status quo*.

O perfil dos atores sociais que se engajam nas cenas discursivas diligenciadoras dos cânones patriarcais é radicais que buscam validar e disseminar uma agenda de costumes proclamada pela extrema direita (Anjos, 2017; Martins *et al.*, 2021; Santos e Kubo, 2018), anunciando os valores conservadores em rede como único caminho possível para assegurar a moral da família brasileira (Popolin, 2020), que estaria em vias de sofrer uma derrocada sem precedentes. Como solução, propõe-se as interdições identitárias e o cerceamento de liberdades, por meio de atitudes discriminatórias atravessadas por “discursos religiosos

voltados ao cristianismo; narrativas falaciosas de uma suposta ameaça à família e às crianças, que estariam vulneráveis ao aborto e à “ideologia de gênero” (Sabbatini, 2020, p. 2).

Ao navegar os repertórios que conceituam os preceitos feministas na condição de movimento político de luta das mulheres por equidade, distorce-se seus fundamentos e princípios básicos, com vistas à modulação de um discurso reacionário concretizado pela mobilização de uma narrativa antifeminista, que toma o *backlash* como estratégia, ação reativa e coercitiva que tem como objetivo perpetuar o poder de um grupo social para a manutenção do status quo (Sabbatini, 2020).

O *backlash* configura-se como uma ofensiva ideológica contra o feminismo para avalizar a manutenção das relações de controle de comportamentos que atendam às necessidades da hegemonia, ditadora dos significados de “ser feminina” e “ser mulher” nas sociedades ocidentais contemporâneas, cujas representações evidenciam “negociações identitárias que obrigatoriamente devem convergir para representações que não colidam e não desestabilizem o ordenamento social” (Souza, 2017, p. 77).

Como estratégia para borrar a visibilidade das compreensões da audiência sobre o papel fulcral que assume a atividade backlash, os detentores do poder ensejam deturpar os ideais da corrente feminista, enquadrando-a como um projeto inimigo das mulheres, em busca de recrutar sujeitos que advoguem contra a causa própria. Para tanto, o refluxo antifeminista coloca os significados do movimento político-social em disputas constantes na esfera do senso comum, subvertendo seus sentidos por meio da simplificação de termos e conceitos, negando seu caráter plural e reduzindo as feministas a uma totalidade estandardizada, manipulada, desviante e que urge ser interrompida (Sabbatini, 2020).

Em vista disso, examinar o conteúdo das narrativas meméticas antifeministas que são deslocadas no ciberespaço é, a princípio, uma tentativa de entender a realidade social para perceber as formas como a misoginia e o machismo ainda subsistem socialmente, atualizando-se através de novas táticas e artimanhas, em um contexto sociohistórico no qual a pauta moral da direita trouxe retrocessos sociais notáveis, tendo em conta que “as desigualdades de gênero são minimizadas pelo atual poder federal” (Costa *et al.*, 2021, p. 161).

Reitera-se que essa dinâmica tem como alvo compreender o potencial dos memes como arranjos semióticos acessíveis e dinâmicos para performar na qualidade de instrumentos de uma formação leitora crítica na era digital, que habilite os sujeitos sociais a aprender por meio de experiências de existência no mundo, refletindo sobre os problemas que permeiam a sociedade e alvejam os oprimidos excluídos pelo sistema dominante (Freire, 1996).

Metodologia

O presente capítulo é resultado de uma pesquisa desenvolvida em nível de mestrado acadêmico em educação, na Unifesp, sob orientação da Profa. Dra. Lucila Pesce. A pesquisa utiliza-se da abordagem metodológica de natureza qualitativa (Bogdan e Biklen, 1994; Pesce e Abreu, 2013).

Neste capítulo apresentamos o percurso analítico de uma amostra de quatro memes, que assumem dois, a função social de persuasão e os demais, a função de debate público, coletados na página aberta “Antifeminismo”, da rede social Facebook, que performou significativo engajamento com o público-alvo a partir de 01/01/2022, quando a corrida eleitoral articulou-se ao último ano de mandato do Presidente Jair Bolsonaro, governo em que os memes fortaleceram-se como

poderosos fenômenos de expressão coletiva para mobilizar a direita on-line e fomentar os discursos de silenciamento e “eliminação dos que são considerados adversários” (Popolin, 2019, p.13).

Uma matriz taxonômica adaptada da proposta Chagas *et al.* (2017), com base principalmente nos estudos de Shifman (2014), que compreendem os memes como um conjunto semântico, analisado a partir da função que performam socialmente e do posicionamento político que assumem os seus autores/difusores, serviu como enquadramento analítico para o produto do presente corpus.

Quadro 1. Classificação das variáveis de conteúdo dos memes

CATEGORIA 1 – FUNÇÕES SOCIAIS DOS MEMES
MEMES DE DISCUSSÃO PÚBLICA
São aqueles que se apresentam como comentários ou fluxos de conversação nas mídias sociais. Geralmente identificados como piadas ou manifestações espirituosas, dão vazão a uma multiplicidade de opiniões e vozes em meio ao debate público. Esse gênero de memes faz comumente alusão à enredos ou personagens da cultura popular ou do entretenimento de massa.
SUBCATEGORIAS
Memes que fazem referência a lugares-comuns da política são piadas cuja comicidade evoca do exercício do feminismo, a partir de metáforas como a guerra, a luta a favor do comunismo, a tradução de toda e qualquer feminista como uma ameaça à ordem moral, entre outros aspectos. Memes que fazem referência à literatura ou a manifestações culturais apresentam menções aos produtos culturais, como seriados de televisão, filmes, livros ou canções populares, ou ainda à cultura popular de modo geral, sem a intenção de expressar apoio ou ataque político, mas de provocar o riso a partir da intertextualidade. Memes que fazem referência às piadas sobre personagens feministas apresentam comentários e paródias sobre figuras

públicas e personagens da cena política, com a intenção de dessacralizá-los, deslocando-os da posição que ocupam.

MEMES PERSUASIVOS

São aqueles estrategicamente construídos para serem difundidos, com o objetivo de defender o posicionamento do enunciador acerca do lugar social da mulher ou de difamar propostas contrárias.

SUBCATEGORIAS

Memos de retórica propositiva e/ou apelo pragmático sustentam ou fazem referência aos projetos do antifeminismo, salientando as implicações que envolvem a não aderência a tal proposta.

Memos de retórica sedutora, ameaçadora e/ou apelo emocional realçam subjetividades e perspectivas de caráter passional, destacando personagens cativantes ou renegadas. Retratam a mulher como “sábia” e/ou “virtuosa”, apresentam-na ao lado de marido e/filhos, destacam afetos e sentimentos como segurança, conforto e esperança. O contrário também é possível, apresentando-a como um modelo do que “não ser”.

Memos de retórica ético-moral e/ou apelo ideológico investem em denúncias de escândalos, fazem críticas ao feminismo como um agente responsável pela corrupção da moral e dos bons costumes ou advertem ao risco de desmantelamento da família conservadora brasileira.

Fonte: Chagas (2018 b, p. 5-9) – adaptado pela autora.

O percurso analítico abarca ainda mais uma categorização, que intenta mensurar aspectos relativos ao posicionamento político empreendido pelo enunciador dos memes, por meio da exploração da relação entre humor e antifeminismo, do tipo de experiência leitora que o texto propõe – inscrito em uma agenda positiva ou negativa – e do efeito que os memes performam socialmente. Nesse espectro, apresenta-se também o apontamento dos temas abordados pelas narrativas meméticas. Visto

que em Chagas (2018) essa subcategorização refere-se exclusivamente às temáticas que dizem respeito às propostas políticas dos candidatos à (re)eleição, esse trabalho optou por lançar mão do Dicionário crítico do feminismo (Hirata *et al*, 2009) para se utilizar de alguns dos termos/conceitos elencados pela obra como tópicos elementares advindos das instâncias de intervenção das lutas feministas, pensando em subsidiar o processo de análise dos dados, a partir de um campo lexical relacionado ao debate público em que estão inscritos.

Quadro 2. Classificação do teor narrativo, agenda, temática e posição política dos memes

CATEGORIA 2 - VARIÁVEIS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO
SUBCATEGORIA 1 - NARRATIVA E AGENDA POLÍTICAS Relação entre humor e feminismo: memes cujo conteúdo em tela evidencia algum tipo de humor específico em relação ao feminismo, a partir de superioridade, alívio ou incongruência. Narrativa da ação política: tipo de experiência leitora política que o conteúdo do meme reflete ou incentiva, como uma narrativa pessoal/privada ou coletiva/pública. Agenda política: indicação do estímulo que o conteúdo do meme oferece, podendo ser uma agenda positiva, que destaca a liberdade de autodeterminação dos indivíduos, ou negativa, que critica abusos e desvios morais.
SUBCATEGORIA 2 – EFEITO PRETENDIDO PELA A MENSAGEM DO CONTEÚDO Explicativo ou informativo: intervenção que busca instigar o leitor a compreender um conceito ou uma realidade, com o objetivo de esclarecer questões ou posicionamentos sobre o feminismo.

Satírico: intervenção que ridiculariza as feministas para provocar/evitar a consciência crítica e a transformação social, geralmente fazendo uso da ironia e/ou do cinismo.

SUBCATEGORIA 3 – TEMAS RELACIONADOS AO DEBATE PÚBLICO

Enquadramento do conteúdo do meme pela menção explícita ou implícita, verbal ou não, aos temas abaixo, verbetes constantes em Hirata *et al.*, (2009).

Aborto e contraceção/Assédio sexual/ Categorias socioprofissionais/ Cidadania/Desemprego/ Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo/ Dominação/ Educação e socialização/ Emprego/ Família/ Feminilidade, masculinidade, virilidade/ Igualdade/ Lesbianismo/ Maternidade/ Movimentos feministas/ Patriarcado// Poder(es)/ Políticas sociais e familiares/ Prostituição/ Público/privado/ Religiões/ Sexualidade/ Trabalho doméstico/ Violências.

Fonte: Chagas (2018 b, p. 10-11) – adaptado pela autora.

Análise dos dados

A análise dos memes desenvolve-se a partir dos critérios supracitados, pautados na abordagem da função social, natureza da narrativa/agenda políticas, efeito pretendido pelo conteúdo da mensagem, assim como pelo enquadramento temático do texto.

Figura 1 - Meme sobre “Feminilidade e masculinidade”¹



Fonte: Portal Antifeminista. Disponível em:
<https://www.facebook.com/ANTIFEMINIS/photos/a.111073300756131/445054874024637>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Construído a partir de um painel duplo, pela colagem de duas ilustrações com legendas relativamente curtas, cujos sentidos destinam-se a decretar um lugar social estritamente demarcado para os corpos e existências de ambos os gêneros, esse meme compara a representatividade do sujeito homem x do sujeito mulher no mundo, destacando a natureza dicotômica das intervenções que cada personagem social está determinado a desempenhar.

Confeccionado e propagado para persuadir as audiências com base em uma retórica cujo propósito é seduzir por meio do apelo emocional, o argumento textual vale-se de um imaginário social que enquadra as mulheres por um viés estereotipado, assentado no padrão de beleza, delicadeza, elegân-

¹ As figuras 1, 2, 3 e 4 foram coletadas em 14 de julho de 2022. Em 10 de dezembro de 2024, houve uma tentativa de revisitar as páginas para atualizar as fontes, mas não foi possível, pois o conteúdo não está mais disponível.

cia e docilidade, enquanto aos homens é outorgada uma existência que provê a segurança física e material dos indivíduos que integram o sistema social. Nessa conjuntura analítica, a masculinidade e a feminilidade não apenas existem, mas se definem em sua relação e por meio dela, dado que “são as relações sociais de sexo, marcadas pela dominação masculina, que determinam o que é considerado “normal” – e em geral interpretado como “natural” – para mulheres e homens” (Molinier e Welzer-Lang, 2009, p. 101).

Tal ideário filia-se a uma agenda política que sugestiona uma dialética cerceadora da liberdade de ser em um amplo espectro de pluralidades e singularidades que constroem a identidade dos sujeitos, fomentando uma experiência leitora pública que corrompe o projeto político de promoção da autonomia de autodeterminação dos indivíduos. A narrativa investe na veiculação de um enunciado construído para reforçar representações sociais cristalizadas, que ao mesmo tempo afetam e são reflexos da sociedade, já que o discurso se relaciona com a língua simbolicamente, constituindo o homem e a sua história, pela influência cultural, ideológica e do imaginário social, em uma cadeia de outros processos herméticos (Santos e Kubo, 2018).

O conteúdo do texto postula uma referência de feminilidade como um atributo determinante a ser compartilhado por todas as mulheres, inserindo-as em um sistema de regularidades que opera sob um forte padrão estético, conforme demonstra a materialidade histórica, que ratifica ter a imagem feminina uma forte influência e poder social, todavia, para além disso, o conceito de ser feminina consolida-se também “como uma ideologia que assume a posição da mística da domesticidade, maternidade, castidade e passividade” (Oliveira-Cruz e Isaia, 2022, p. 5). O constructo do masculino, em contrapartida, revela-se como uma virtude cívica, capaz de performar funções de forte

valor social agregado, portanto capacitado para se apropriar do papel de representante do “conjunto geral da humanidade, o universal, o normal” (*ibid.*, 2009, p. 101), e manifestar o domínio sobre as múltiplas dimensões de relação com o mundo e com o feminino, para o qual reserva um estatuto *sui generis*.

O conteúdo do texto ratifica a homogeneidade do ser feminino universal, concretizando uma movimentação política por meio da linguagem, mecanismo de manutenção de poder que direciona o interlocutor à compreensão de que a mulher de valor, só assim se traduz, se consentir a elaboração dos comportamentos sociais considerados inerentes à sua condição, não apenas em termos de regimento estético, mas como um sujeito complacente, longânime, frágil, enfim, “um corpo dócil, que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 1987, p. 117).

Figura 2 - Meme sobre “Trabalho doméstico”



Fonte: Portal Antifeminista. Disponível em: <https://www.facebook.com/ANTIFEMINIS/photos/a.111073300756131/519365609926896>. Acesso em: 31 maio 2022.

O meme anterior é apresentado em painel duplo com legendas sobrepostas às imagens, a partir de uma montagem que traça a perspectiva expectativa x realidade, em busca de comparar perfis distintos de mulheres representadas por personagens antropomórficos. Ao lado esquerdo, o animal apresenta-se corpulento, com ombros largos e braços compridos e avantajados. A fotomontagem concedeu-lhe um cabelo loiro e liso, assim como uma vestimenta que, em alguma medida, remonta à feminilidade. Já à direita, apresenta-se outro animal com volume corporal menor, posicionado de forma mais despreocupada e, ao que tudo indica, desocupada, cujos cabelos são coloridos e a roupa serve não unicamente para resguardar o corpo, mas para comunicar insatisfações contra o sistema social.

Abordando o tema trabalho doméstico, o meme determina as mulheres ditas “de antigamente” como sujeitos que se orgulham de dar conta de uma jornada demasiadamente fatigante e solitária de atribuições domésticas não remuneradas, cuja demanda flerta com o absurdo, evocando essas como responsabilidades exclusivamente femininas. Sob uma ótica antagônica, as mulheres “atuais” são traduzidas como atores com pouco ou quase nenhum comprometimento com as tarefas relativas ao cuidado das coisas e pessoas no contexto familiar, por problematizem a operação do machismo nessa dinâmica, o que as inscreve em lugar reservado aos discursos considerados como frescura e “mimimi”. Para desacreditar essa leitura feita pela personagem que simboliza a mulher feminista, lança-se mão de estereótipos que remetem à noção de que essas não têm referência de preservação da própria imagem, pois são subtraídas do discernimento necessário para vislumbrar a vulgaridade que sustentam no estilo e na aparência. Para tanto, aciona-se o uso dos tons fortes do cabelo que contrariam o padrão e da camiseta com dizeres de impacto social, buscando

conectar tais elementos às mulheres que tudo transformam em militância, cujas identidades estariam atreladas à inadequação e desajustamento social, o que é extremamente problemático, por simplificar a constituição das subjetividades femininas.

Ao se configurar como uma piada que corresponde a uma voz no debate público sobre o que é ser, ou não, uma mulher de valor nesse contexto, esse meme assume como função social a discussão pública do tema, aludindo ao exercício do feminismo pelo uso de elementos apelativos que já mantém lugar garantido nos prismas interpretativos das massas. Sob a prerrogativa do riso, encampa-se certos estereótipos sexistas, reverberando discursos simplificados e generalistas que categorizam e discriminam mulheres, por meio da reprodução, naturalização e perpetuação de mundividências abusivas. Os recursos argumentativos acionados inserem-se na lógica da campanha negativa, visto que satirizam um grupo de mulheres que lançam um olhar crítico para o desenvolvimento do trabalho doméstico não remunerado, que além de “um lugar de exploração econômica das mulheres, no qual se firma a apropriação material pelos homens da sua força de trabalho, qualquer que seja seu estatuto familiar, quer sejam elas esposas, mães, filhas ou irmãs” (Fougeyrollas-Schwebel, 2009, p. 256), é ainda não reconhecido e sobremaneira invisibilizado.

Figura 3 - Meme sobre “Dominação” e “Violências”



Fonte: Portal Antifeminista. Disponível em:
<https://www.facebook.com/ANTIFEMINIS/photos/a.111073300756131/512111110652346/> Acesso em: 14 jul. 2022.

A propagação dessa ação comunicativa deu-se com base em uma legenda construída por uma lógica que parece cara aos antifeministas: “Entrou feminismo no meio, acabou toda a racionalidade da pessoa”. O meme construído de um painel duplo apresenta uma comparação da mesma personagem em condições opostas: ao lado esquerdo, apresenta-se com os cabelos compridos e expressão facial contida, perfil mais ligado aos cânones conservadores, já ao lado direito, é exibida com um corte de cabelo mais curto e desconectado. Embora notadamente sorridente e satisfeita, o menor sinal de autonomia e liberdade de escolha é suficiente para disparar a reprimenda conservadora.

Fabricados intencionalmente para apontar o suposto contexto em que são apresentadas as imagens, os dizeres explicativos dão conta de que a enunciadora é uma rebelde, um ser colérico e movido pelo ódio (Ferreira e Vasconcelos, 2019), que espalha gratuitamente antipatia frente a uma percepção

negativa e infundada das cândidas gentilezas e simpatias masculinas. Diante do discurso que a estabelece como um sujeito que toma atitudes radicais em objeção ao elogio de um homem, o comentário de um internauta – cujo nome foi apagado – “Gosto do seu pescoço” aparece como uma investida discursiva que incentiva a personagem a atentar contra a própria vida.

Compreende-se que o conteúdo do meme esteja inscrito na temática da dominação, visto que toda relação dessa natureza impõe limites, sujeição e servidão, cenário em que o grupo dominante exerce sobre o oprimido um controle constante, fixando limites sobre o que é ou não, aceitável. O conteúdo humorístico do texto estabelece-se pela superioridade, influenciando experiências de intervenção política coletivas, cuja asserção é austera e lamentável, pois propõe a eliminação dos sujeitos transgressores.

O meme em questão é uma publicação que revela a intenção das páginas antifeministas em caracterizar as militantes pelos direitos das mulheres como agentes emocionalmente descontroladas, ressentidas e mal-amadas (Anjos, 2017). Nessa perspectiva, em que o feminismo e a racionalidade humana não se coadunam, aquelas que não assentem às prescrições masculinas o fazem porque são paranoicas e não gostam de homens. Essa investida para macular a imagem das mulheres consideradas insubordinadas, configura-se apenas como uma das múltiplas formas de infligir, na vida pública, perturbações psicológicas com “a finalidade de intimidá-las, puni-las, humilhá-las e atingi-las na sua integridade moral e na sua subjetividade, quando não física e sexualmente (Alemany, 2009).

Essa peça construída por colagens e hibridização, performa a função social de discussão pública, ao passo que exhibe a movimentação da conversação nas mídias sociais, a partir de uma piada situacional que se ocupa do ideal do

feminino prescrito pelo masculino, aquele que patenteia e regula sua imagem, seu estado de espírito, a forma como responde às investidas dos homens e, por fim, sua vida.

No texto, é clara a violência simbólica promovida contra a mulher, "cujos efeitos e condições de eficácia se inscrevem no corpo de forma duradoura, sob a forma de disposições, de modo que as proibições sociais são naturalizadas e resistem ao processo de conscientização (Apfelbaum, 2009, p. 79). Em termos de repercussão, a mensagem do conteúdo do meme investe no teor irônico, que lança mão do cinismo para perpetuar as desigualdades e manter a organização social pautada nas assimetrias de poder, o que não contribui se não para o reforço de estereótipos e de discursos de ódio direcionados às mulheres feministas.

Figura 4 - Meme sobre "Feminilidade e masculinidade"



Fonte: Portal Antifeminista. Disponível em:
<https://www.facebook.com/ANTIFEMINIS/photos/a.111073300756131/552630289933761/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Abordando os temas masculinidade e virilidade, esse meme é construído por uma ilustração com legenda superior sobreposta, cuja materialidade verbal orienta o interlocutor interessado no rol de práticas indispensáveis e apropriadas para instituir a educação de um homem viril, relacionando a compreensão do que é ser homem frente ao exercício da força física. O conteúdo do meme estabelece as performances ligadas à exploração do conhecimento e da consciência crítica, promovidas pelos sujeitos educadores na instituição escolar, como ameaças que colocam em risco o bem-estar social, visto que tais aprendizagens seriam potenciais para operar transmutações identitárias.

Em meio a uma paisagem natural bucólica, os personagens apresentam-se sem camisa, devido, tanto ao calor que paira em um dia ensolarado, conforme se percebe pelo céu azul ao fundo, como ao esforço físico intenso que é necessário para executar uma atividade extenuante como o corte da lenha. Nesse contexto, o dedicado pai parece ensinar ao filho as habilidades basilares de um ofício que o tornará apto a desempenhar um papel crucial na sobrevivência de sua família, a provisão o fogo.

Esse papel social traduz a sua virilidade, que se expressa pelos atributos sociais congruentes aos homens e ao masculino: a força, a valentia, a capacidade de entrar em combate, a autorização ao exercício da violência, assim como pelos “privilégios relativos à dominação daqueles que não são – e não podem ser – viris: mulheres, crianças” (Molinier e Welzer-lang, 2009, p. 101). Esta é uma aprendizagem “imposta aos meninos pelo grupo dos homens durante sua socialização, para que eles se distingam hierarquicamente das mulheres” (*ibid.*, p. 101).

Dito de outra forma, o conteúdo do texto anuncia que em sociedade cabe ao homem desempenhar certos papéis ditos masculinos (Popolin, 2020), logo os meninos não educados por

seus pares para a prática da força/violência física, seja no pátio da escola, nos clubes desportivos, no Exército, nos bares, entre outros espaços considerados "a casa dos homens" (Molinier e Welzer-Lang, 2009, p.102), não estão qualificados para assumir essa identidade enérgica, pois são reputados como fracos e debilitados socialmente, lugar designado aos homossexuais, que junto às mulheres e crianças, compõe o corpo dos grupos sociais vitimados pelos regimes brutais de dominação masculina.

A narrativa sugere que o ator social professor, possivelmente por exercer a ação pedagógica como uma atividade que traz à tona debates sobre as construções político-sociais em vigor, abordando valores que têm referência nas diretrizes dos direitos humanos, entre outras é um agente desviante que intenciona mutilar a virilidade do masculino em desenvolvimento, responsável por alinhar os verdadeiros homens, "que mostram em tudo e sobre tudo uma imagem e comportamentos considerados viris, os privilégios da honra, do poder, da colocação das mulheres à disposição doméstica e sexual" (*ibid.*, 2009, p. 102).

O conteúdo do texto evidencia que ocupar esse lugar de ponderação, reflexão e domínio de ímpetos é manter-se na zona do "ser mulher", sujeito para quem são reservados os modos de autocontrole, passividade, compaixão e não violência, lógica tipicamente feminina (COURS-SALIES, 2009, p. 37). Essa narrativa espelha uma experiência leitora que prima pela manutenção de uma agenda política que restringe o direito dos indivíduos à liberdade de ser visto que intenciona exercer uma forma de controle social sobre todos os homens, desde os primeiros passos da educação masculina. O efeito pretendido pela enunciação é explicitar a necessidade de manutenção do *status quo* para influenciar a audiência a se tornar partícipe de um projeto de discriminação, exclusão e abusos contra os grupos sociais minoritários.

A função social do meme pode ser considerada persuasiva, à medida que seu conteúdo utiliza como tática uma retórica propositiva que apela à tomada de posição do interlocutor homem, no que se refere ao processo educativo do seu filho, no sentido de orientá-lo a colocar em prática o ensinamento de um conjunto de regras relativas às condutas masculinas convenientes e elementares para a formação de um sujeito homem considerado legítimo.

Considerações finais

O capítulo ora apresentado apresenta um breve panorama sobre o (anti)feminismo e o *backlash*, à guisa de compreender as estratégias linguísticas e discursivas utilizadas pelos internautas, na produção de memes antifeministas (Anjos, 2017; Hirata *et al.*, 2009; SABBATINI, 2020; Santos e Kubo, 2018) veiculados na cultura digital, para, a partir de tal análise, refletir sobre a possibilidade de os utilizar como recursos didáticos voltados a uma educação libertadora (Freire, 1996).

Os achados da pesquisa sugerem que a replicação dos memes encontra nos territórios virtuais espaços privilegiados de fala para a disseminação de discursos forjados, que instituem um debate normativo sobre como o mundo necessitaria ser e qual a maneira mais eficiente de conquistar este objetivo (Shifman, 2014). Os memes constituem novas roupagens digitais para veicular os velhos discursos que povoam o cenário social desde os tempos remotos: a crença da inferioridade das mulheres e a legitimação da violência contra elas, o que institui experiências leitoras virulentas, restritivas e preconceituosas. Sob esse viés, entende-se que, por meio de publicações tendenciosas, as forças dominantes historicamente estabelecidas servem-se dessas configurações textuais com a nítida incumbência de

tratar dos assuntos considerados apropriados ao conveniente funcionamento das organizações políticas e ao bem-estar social.

Dessa forma, faz-se responsabilidade do processo de escolarização formal promover a exploração de experiências ampliadas de multiletramentos, que contribuam com raciocínio reflexivo e consciente, habilitado para questionar os modos com que a linguagem estabelecida social e culturalmente, apresenta-se a partir das marcas do poder e da violência simbólica, pensando em viabilizar a transformação social.

Referências

ALVES, Caroline; OLIVEIRA, Hélios Frank de; MARTINS, Stephany Pikhardt. Leitura e análise crítica de memes em aulas de língua portuguesa sob mediação decolonial. *Lingu@ Nostr@ - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística*. Vitória da Conquista, p. 160-180, jan-julho, 2020. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/lnostr/article/view/13150>. Acesso em: 05 nov. 2024.

ANJOS, Júlia Cavalcanti Versiani dos. Discurso de ódio antifeminista em páginas do Facebook e as contranarrativas feministas. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*, Florianópolis, SC, 2017.

Disponível em:

https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499181095_ARQUIVO_DISCURSODEODIOANTIFEMINISTAEMPGINASDOFACEBOOEASCONTRANARRATIVASFEMINISTAS.pdf. Acesso em: 05 nov. 2024.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019.

BLACKMORE, Susan. *The meme machine*. Oxford e Nova York: OUP, 1999.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

CHAGAS, Viktor *et al.* A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. *Intexto*, n. 38, p. 173–196, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/63892>. Acesso em: 05 nov. 2024.

CHAGAS, Viktor. Breve tipologia dos memes fotográficos. *Revista ZUM*, n. 14, 2018a. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/347842371_Breve_tipologia_dos_memes_fotograficos. Acesso em: 05 nov. 2024.

CHAGAS, Viktor. Livro de Códigos Eleições 2018b. *Journal contribution*, 2018b. Disponível em: <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.7125407.v1>. Acesso em: 05 nov. 2024.

CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. *Revista Estudos Históricos*, 34(72), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s2178-149420210109> . Acesso em: 05 nov. 2024.

CONSUMOTECA. *In: meme we trust*. GENTE GLOBO, 29 mai. 2019. Disponível em: <https://gente.globo.com/meme-we-trust/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura *et al.* Violências contra as mulheres na pandemia da Covid-19: Uma análise de notícias, memes e vídeos. *RELIES: Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, p. 143–168, 2021. Disponível em: <https://www.upo.es/revistas/index.php/relies/article/view/5705>. Acesso em: 05 nov. 2024.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DENNETT, Daniel Clement. *Darwin's dangerous idea*. Nova York: Simon & Schuster, 1995.

DOMINGUES, Quésia Alves de Souza de. *Memes antifeministas e conservadorismo em rede: uma análise das leituras e enquadramentos dos femininos desviantes*, 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

HIRATA, Helena *et al.* (Org.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009 (324 p.). *Caderno Espaço Feminino*, [S. l.], v. 24, n. 1, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/14225>. Acesso em: 05 nov. 2024.

LINKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *New Literacies: Everyday Practices and classroom Learning*. 2nd edn. Maidenhead, UK: Open University Press, 2006.

LEAL-TOLEDO, Guilherme. Em Busca de uma Fundamentação para a Memética. *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 187–210, 2013. DOI: 10.1590/S0101-31732013000100011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/2922>. Acesso em: 05 nov. 2024.

MARTINS, Martha Julia *et al.* O discurso antifeminista em memes. *ANTARES. Letras e humanidades*. v. 13, n. 30, maio/ago. 2021. Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura, UCS, 2021. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo3422822-o-discurso-antifeminista-em-memes. Acesso em: 15 maio 2022.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. *In*: HIRATA, Helena Françoise; LE DOARÉ, Laborie Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. Editora UNESP, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/14225>. Acesso em: 15 maio 2022.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Online Memes, Affinities, and Cultural Production. *In: A New Literacies Sample*. KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin (Eds.). Nova York, NY: Peter Lang. Lessig, L., 2007.

OLIVEIRA, Nara Maria Alves de; BEZERRA, Benedito Gomes; LÊDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. Uma proposta para a análise crítica do meme como gênero em aulas de língua portuguesa. *Revista Linguagem em Foco*, v.12, n.3, 2020. p. 9-29. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4155>. Acesso em: 15 maio 2022.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; ISAIA, Letícia Sarturi. Da pressão estética à gordofobia: violências nos memes em tempos de pandemia de COVID-19. *Contracampo*, Niterói, v. 41, n. 1, p.1-17, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/52790/31977>. Acesso em: 15 maio 2022.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista da FAEBA: Educação e contemporaneidade*, p. 19-29, 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeaba/v22n40/v22n40a03.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

POPOLIN, Guilherme. Intervenção militar já: os memes da internet e o imaginário da nova direita brasileira sobre a ditadura civil-militar. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Belém – PA: 2019.

POPOLIN, Guilherme. O meme de internet: o reforço de estereótipos sobre a população LGBTI+. In: DESIDÉRIO, Ricardo; COLUSSI, Vinícius; MAISTRO, Virgínia Yara de Andrade (Orgs.). In: *Sexualidades e Educação Sexual: práticas, pesquisas e inovações*. Londrina, Paraná: Edição dos autores, 2020. Disponível em: <https://vcongressoedsexual.wixsite.com/vcongressoedsexual/e-book>. Acesso em: 15 maio 2022.

SABBATINI, Letícia. “Feminista nem é gente”: uma análise sobre o antifeminismo em grupos bolsonaristas no WhatsApp. In: *44º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, Obstáculos à Igualdade de Gênero e Crise da Democracia, 2020. p. 1-20. Disponível em: file:///C:/Users/marci/Downloads/SABBATINI_Feminista%20nem%20%C3%A9%20gente_%20uma%20an%C3%A1lise%20sobre%20o%20antifeminismo%20em%20grupos%20bolsonaristas

%20no%20WhatsApp_%20SPG%2033%20(1).pdf . Acesso em: 15 maio 2022.

SANTOS, Gabriele da Silva; KUBO, Larissa Caroline. A perpetuação do antifeminismo no Facebook: análise e propostas de intervenção a partir das páginas *Moça, não sou obrigada a ser feminista* e *Diários de uma feminista*. In: ROMANCINI, Richard; GRECO, Clarice (Orgs.). *Entre memes, cosplays e fanfics o ensino de pesquisa em Comunicação*. Universidade de São Paulo (USP), 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4578458/mod_resource/content/1/Entre_memes_e_cosplays.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 18, p. 362-377, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jcc4.12013> . Acesso em: 15 maio 2022.

SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Massachusetts, MA: MIT Press, 2014.

SOUZA, Juliana Mello. Feminina e não feminista: a construção mediática do backlash, do consumo e dos pós-feminismos. *Mídia & Jornalismo*, 17(30), 71-83, 2017. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_30_5. Acesso em: 15 maio 2022.